

Gentileza Gera Inclusão da Pessoa em Deficiência no Espaço Escolar

Marilice Pereira Ruiz do Amaral Mello

<http://lattes.cnpq.br/6494813013637401>

Quando penso em gentileza, remeto-me a acolhida e acolher é a uma das atitudes mais importantes para a inclusão de pessoas com deficiência na sociedade como um todo.

Mesmo sabendo que a gentileza não deve ser privilégio de alguns é visível que a pessoa com deficiência necessita de uma atenção, cuidado e acolhida mais intensas que a pessoa típica.

Ser gentil é acolher!

E como é que sou gentil com o outro?

Nem sempre conseguimos acolher o outro em nosso dia a dia. Em tempos de pandemia, vivenciamos uma relação construída pelas telas, vivemos uma vida digital, com relações frias e que em grande parte contribuiu para uma falta de empatia.

Quando imaginávamos que ao por um momento de isolamento social pudéssemos aprender a ser pessoas melhores, e neste caso pessoas mais gentis.

Observaram-se muitos casos de discriminação de pessoas com deficiência, vividos em lugares distintos.

Escolas que não acolhem a criança com deficiência, igrejas que pedem para os pais se retirarem com seu filho pois o mesmo “..está atrapalhando”, o caso do porteiro do prédio que não permitiu que a mãe de uma criança estacionasse o carro na garagem do prédio para levar a criança ao consultório médico, já que a criança não anda e não senta tendo a necessidade de ser carregada.

A falta de gentileza nesses casos faz com que a situação vivenciada pela pessoa com deficiência e seus cuidadores, que na maioria das vezes são os pais, seja mais difícil do que já é em seu dia

a dia. Não basta termos leis e decretos que repudiam essa prática as tornando crime, todos os dias nos deparamos com situações que nos remetem a falta de gentileza.

Práticas segregacionistas, levam-nos a acreditar que a pessoa não tem a gentileza como uma opção na sua forma de vida, as ações relacionadas a gentileza gerando a inclusão da pessoa com deficiência.

O impacto da falta de gentileza para com a pessoa com deficiência vai além da própria pessoa, é motivo de revolta em toda a sociedade quando nos depararmos com situações como as citadas anteriormente.

Inclusão da Pessoa com deficiência

No Brasil falamos de inclusão, de maneira formal, desde o Manifesto dos Pioneiros com o movimento da Escola Nova, na década de 1920. Nesse movimento, surge o conceito de Escola Para Todos. O “Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova” nasceu com a necessidade de mudanças na educação, foi um movimento de reconstrução educacional que se voltou às mudanças do sistema de organização educacional do país, que se dava de forma fragmentária e desarticulada. Na época, 26 educadores lançaram o manifesto ao povo e ao governo. Representou o início do nosso engajamento na luta pela escola laica, gratuita, obrigatória e acolhedora, e pela coeducação dos sexos, uma escola para todos.

Mas será que realmente tem sido dessa forma a educação? Deixou de ser fragmentada e desarticulada? Temos hoje uma educação realmente inclusiva?

Desde o Manifesto dos Pioneiros, poucas mudanças aconteceram em nossa educação, principalmente em nossas escolas. A pandemia que enfrentamos hoje, obriga-nos a essas mudanças urgentes. Por serem tantas as mudanças necessárias, neste texto optamos por um recorte para assim refletir sobre a inclusão escolar, com foco em educação inclusiva na diversidade.

Educação Inclusiva

A busca pela inclusão faz parte de nossas vidas por sermos todos diferentes, pois muitas vezes somos excluídos de coisas pequenas ou grandes, por opção ou não. Outras vezes excluimos as pessoas que julgamos diferentes. Porém só o fato de sabermos que a diversidade nos faz evoluir e transformar, não é o suficiente para aceitarmos com naturalidade as pessoas diferentes seja fisicamente, intelectualmente, socialmente e tantas outras diferenças.

O respeito à diversidade é uma forma de inclusão, e a gentileza uma grande aliada. De acordo com a Declaração Universal dos Direitos Humanos, 1948, não deve haver discriminação por raça, cor, gênero, idioma, nacionalidade, opinião e outros. Mas para que isso aconteça se faz necessário a nossa transformação pessoal, nossa aceitação de nós mesmos e dos outros, nossa tolerância para com o diferente e, nesse sentido, agir de forma gentil com as pessoas. A humanidade evolui com a diversidade, porém é necessário respeitar as diferenças. É necessário um movimento interno de transformação em cada um de nós para que a gentileza seja praticada em todos os momentos.

No Brasil, a proteção e a promoção dos direitos de todo ser humano são articuladas e colocadas em prática com o auxílio da Secretaria Especial dos Direitos Humanos (SDH), da Presidência da República. O órgão é responsável por colocar em prática princípios estabelecidos em estatutos e pela proteção dos direitos de cidadãos, das crianças, dos adolescentes, dos idosos, das minorias e das pessoas com deficiência.

A educação é uma grande disseminadora desses princípios, porém sabemos que é um dos desafios postos pela contemporaneidade às políticas educacionais, o de garantir, contextualizadamente o direito humano universal, social inalienável à educação. O direito universal deve ser analisado isoladamente em estreita relação com outros direitos, especialmente, dos direitos civis e políticos e dos direitos de caráter subjetivo, sobre os quais a educação incide decisivamente.

Nessa perspectiva, mesmo depois de tantos anos de discussão, ainda se faz necessário trazer para o debate os princípios e as práticas de um processo de inclusão social, que garanta o acesso à educação e considere a diversidade humana, social, cultural, econômica dos grupos historicamente excluídos e neste texto focaremos as pessoas com deficiência,

Ao conceber a escola como local onde exercitamos práticas sociais, acreditamos que para se conquistar a inclusão social, a educação escolar deve fundamentar-se na ética e nos valores da liberdade, na justiça social, na pluralidade, na solidariedade e na sustentabilidade, cuja finalidade é o pleno desenvolvimento de seus sujeitos, nas dimensões individual e social de cidadãos conscientes de seus direitos e deveres, compromissados com a transformação social.

Nesse sentido, ampliaram-se os debates sobre áreas definidas pela Lei 9.394/96 - LDB como modalidades e foram elaboradas diretrizes nacionais a fim de que o princípio da diversidade se fizesse presente nos projetos políticos pedagógicos das escolas, nas áreas de alfabetização e educação de jovens e adultos, educação ambiental, educação em direitos humanos, educação especial, educação do campo, educação escolar indígena, quilombola e educação para as relações étnico-raciais, com vistas ao desenvolvimento de sistemas educacionais inclusivos.

Nesse contexto, no Brasil a Lei mais recente é a Lei 13.146/ 2015. - Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência, também conhecida como “Estatuto da Pessoa com Deficiência”. De acordo com o artigo 2º, considera-se pessoa com deficiência aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas. § 1º A avaliação da deficiência, quando necessária, será biopsicossocial, realizada por equipe multiprofissional e interdisciplinar e considerará:

I - os impedimentos nas funções e nas estruturas do corpo;

II - os fatores socioambientais, psicológicos e pessoais;

III - a limitação no desempenho de atividades; e

IV - a restrição de participação.

(BRASIL, 2015.).

Depois de nos situarmos a respeito da inclusão, convido você leitor para refletirmos um pouco sobre a gentileza como geradora da inclusão escolar.

Gentileza como geradora da inclusão escolar

Sabemos que a inclusão escolar só acontece se tivermos um conjunto de ações e estruturas, necessários para atingir o desenvolvimento da pessoa com deficiência.

A gentileza é uma das ações mais importantes para a inclusão.

E o que é gentileza?

Abrços, sensibilidades, delicadezas, acolher, olhar profundamente nos olhos.

“...A gentileza nasce da liberdade consciente presente ao Ser Humano que quando “acorda” para tal realidade será realmente “gentil” percebendo que “acolher” o Outro começou com o acolhimento de si mesmo” SANTO (2016, pag. 33).

A gentileza é expressa de muitas maneiras diferentes e neste caso a acolhida é a maior forma de gentileza para a inclusão da pessoa com deficiência no contexto social de forma geral e em especial no contexto escolar.

Acolher o outro é escutar o outro de forma interessada, dar seu tempo para ouvir o que ele tem para dizer, uma escuta que vai além do ouvir, a escuta que sente o que o outro precisa, a verdadeira empatia. Entender o outro é uma forma de gentileza, entender a pessoa com deficiência e suas necessidades gera ações inclusivas, cuidados com o outro.

Considerações Finais

Acreditamos no fato da escola ser o local onde exercitamos a cidadania, o que nos remete a uma educação inclusiva, que deverá realmente acontecer no espaço escolar, para assim levar a todos os âmbitos da sociedade. Uma educação Inclusiva é uma educação que acolhe a diversidade. A partir do momento em que os educadores realmente mudarem a concepção de que o aprendizado não se dá apenas na sala de aula, mas também se dá fora da sala de aula, certamente a escola será muito mais prazerosa e acolhedora para as crianças.

Ser gentil com a pessoa com deficiência é preocupar-se em atender as diversas necessidades e interesses dessas pessoas, permitindo um bem-estar e desenvolvimento com qualidade.

Referências:

BRASIL. MEC. Lei 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm> Acesso em: 06/08/2021.

_____. Secretaria Geral de Assuntos Jurídicos. Lei 13.146/ 2015.de 06 de julho de 2015. Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm> Acesso em: 06/08/2021.

SANTO, R. C. do E. **O que significa ser gentil?** In: VARELLA, A. M. R. S. & FAZENDA, I. C. A. Projetos e Práticas Interdisciplinares: movimento e transformação? V. n1: Sementes de Gentilezas. São Paulo, 2016.